

12 set

Quarteto Diotima



GULBENKIAN
MÚSICA



Yunpeng Zhao Violino

Léo Marillier Violino

Franck Chevalier Viola

Alexis Descharmes Violoncello

Betsy Jolas

Quarteto para Cordas n.º 8, *Topeng*

Béla Bartók

Quarteto para Cordas n.º 4, Sz. 91

1. *Allegro*
2. *Prestissimo, con sordino*
3. *Non troppo lento*
4. *Allegretto pizzicato*
5. *Allegro molto*

INTERVALO 20 MIN

Maurice Ravel

Quarteto para Cordas em Fá maior, M. 35

1. *Allegro moderato*
2. *Assez vif, très rythmé*
3. *Très lent*
4. *Vif et agité*

György Kurtág

Seis momentos musicais, op. 44

1. *Invocatio [un fragment]*
2. *Footfalls ...mintha valaki jönne...*
3. *Capriccio*
4. *In memoriam Sebök György*
5. *...rappel des oiseaux...*
[étude pour les harmoniques]
6. *Les adieux [in Janáček's Manier]*

DURAÇÃO APROXIMADA 105 MIN

Este programa faz dialogar duas obras pilares do repertório para quarteto de cordas, de longe o gênero camerístico mais proeminente a partir de Haydn, Mozart e, em particular, Beethoven, o Quarteto n.º 4 de Béla Bartók (1928) e o único quarteto de Maurice Ravel (1903), com duas obras raras, o Quarteto para Cordas n.º 8, *Topeng*, de Betsy Jolas, obra de 2019, e os *Seis momentos musicais* de György Kurtág, escritos entre 1999 e 2005. Temos, assim, uma obra ainda de juventude, a de Ravel, escrita aos 28 anos, uma obra do auge da maturidade, a de Bartók, escrita aos 47 anos, e duas obras tardias, extraordinariamente tardias até no que toca a Kurtág e a Jolas, pois que escritas, respetivamente, com 79 e 93 anos.

A idade nota-se na música. A frescura juvenil do quarteto de Ravel, imediatamente aclamada como uma obra-prima, parece antever o 4.º Quarteto de Bartók, não propriamente no estilo, pois a agressividade popular e telúrica de Bartók está a léguas do refinamento francês de Ravel, mas no uso inovador e imaginativo das possibilidades tímbricas das cordas, possibilidades que Ravel já explora de forma notável e que Bartók vai levar a um extremo, para 1928, no seu quarteto. De *pizzicati* vários, a *glissandi*, de harmónicos a surdinas, de *col legno* e *sul ponticello* à combinação de tudo isto, Bartók tornar-se-á no modelo ideal para todos quantos se seguiram. E esses todos incluem, obviamente, Kurtág, cuja música revela sem grande esforço, entre outros, a influência de Bartók, mas também Jolas, sendo que, no caso desta compositora de origem francesa que, e tal como Bartók, fugindo aos nazis, se refugiará nos EUA entre 1940 e 1946, Ravel foi, igualmente, uma imensa referência. Temos assim uma linhagem dupla que fecunda a contemporaneidade, e quatro obras que percorrem não somente geografias distintas (França, Hungria, e EUA), mas estéticas complementares do século XX, a do diatonicismo post-Debussy de Ravel, para Jolas, e o cromatismo post-Strauss-Mahler-Schönberg-Berg-Webern para Bartók e Kurtág. Betsy Jolas estudará (entre 1946 e 1955) com Darius Milhaud e Olivier Messiaen, curiosamente os mesmos dois compositores com quem Kurtág, anos mais tarde (1957-58), também estudará em Paris. Temos assim, não obstante as diferenças entre ambos, afinidades profundas que os aproximam de alguma forma.

Maurice Ravel

Ciboure, 1875 – Paris, 1937

Quarteto para Cordas em Fá maior, M. 35

Composição 1902-03 Duração c. 30 min

O Quarteto em Fá Maior de Maurice Ravel é, como referi, o único que o compositor escreveu. O meio quintessencial de Ravel foi o piano, e, embora tenha ficado com a reputação, merecida, de melhor orquestrador de sempre, uma boa parte dessas obras são orquestrações de peças para piano, nestas incluindo-se os célebres *Quadros de uma Exposição*, de Mussorgsky, que Ravel orquestrou em 1922. A música de câmara é, pois, rara em Ravel. Uma escassa meia-dúzia de obras, a Sonata para Violino e Piano, a *Introdução e Allegro*, a Sonata para Violino e Violoncelo, o Trio com Piano e este Quarteto e, excetuando-se pequenas obras de circunstância, é tudo. Porém, cada uma é uma obra-prima extraordinária de invenção, técnica e sonoridade, e percorre todas as fases criativas do compositor, desde a ambiência impressionista do Quarteto e da *Introdução e Allegro* até à dureza politonal das duas Sonatas, passando pelo dramatismo clássico do Trio.

No Quarteto em Fá Maior, Ravel explora, seguindo Borodin e Debussy, todas as possibilidades tímbricas das cordas, escrevendo para cada um dos instrumentos como se estes tocassem a solo, o que resulta, por vezes, num verdadeiro caleidoscópio de sonoridades brilhantes, em que se misturam harpejos vários, harmónicos, *pizzicati* e outros efeitos virtuosísticos, raras vezes empregues com tanta profusão e simultaneidade neste que, até aí, era fundamentalmente um género sóbrio, nobre, da música de câmara, mais dado à forma do que à cor. Formalmente, o modelo cíclico, herdado de César Franck e, em particular, do (também único) Quarteto para Cordas de Claude Debussy, escrito exatamente dez anos antes, permeia o quarteto de Ravel, unificando todo o carrossel de sonoridades, ritmos e texturas que se sucedem, por vezes, de forma vertiginosa. Tal como o Quarteto de Debussy, o de Ravel permanece ainda hoje como um dos pilares do repertório, feito extraordinário para ambos os autores, pois que escritos, respetivamente, aos 31

e aos 28 anos por dois compositores que possuíam pouca experiência de escrita para além do piano, o seu instrumento comum, e que à primeira acertaram “na mouche” naquele que é, ainda hoje, considerado o género mais exigente (até pela sua rica história e carácter) da música de câmara.

Béla Bartók

Nagyszentmiklós, 1881 – Nova Iorque, 1945

Quarteto para Cordas n.º 4. Sz. 91

Composição 1928 Duração c. 23 min

O Quarteto n.º 4 de Béla Bartók é, porventura, de entre os seis que nos deixou (que continuam a ser, com os de Chostakovitch, os mais importantes, enquanto ciclo, de todo o século XX), o mais radical, mais tocado e mais conhecido. Tal poder-se-á dever à extrema solidez da fascinante estrutura simétrica (cinco andamentos, dos quais o 3.º, o único lento, constitui o eixo central, enquanto o 5.º retoma o material inicial do 1.º para terminar o quarteto como este começou) e ao uso peculiar de todas as possibilidades instrumentais, incluindo nestas o uso de um tipo próprio de *pizzicato*, denominado ainda hoje de “*Pizzicato* de Bartók”, que consiste em puxar a corda com os dedos da mão direita e deixá-la “bater” com força no ponto, o que produz uma sonoridade mais próxima da percussão do que do timbre habitual que esperamos de um *pizzicato*. Mas não é tudo. Bartók usa (outra simetria) os andamentos 2 e 4 como complementares em termos tímbricos, dando a cada um deles uma característica de “cor” muito própria: enquanto o 2.º andamento é totalmente tocado *con sordino* (ou seja, o som fica abafado por uma peça de borracha, que se coloca no cimo do cavalete para abafar as vibrações das cordas), o 4.º é totalmente tocado em *pizzicato*, pousando os instrumentistas os seus arcos durante este andamento para poderem usar livremente os dedos da mão direita, como se de uma guitarra se tratasse. E é aqui que entram, de uma forma extraordinariamente rítmica, os tais “*Pizzicati* de

Bartók”. Assim, temos dois círculos que se inserem um no outro, o 1.º com o 5.º andamentos, e o 2.º com o 4.º andamentos, ficando o lento, um exemplo máximo da denominada “Música Noturna de Bartók” como o tal eixo de toda esta simetria. Neste andamento, Bartók imita sonoridades misteriosas, “noturnas”, que incluem insetos, pássaros, ruídos vários, num misto de impressionismo com expressionismo, o que não admira, uma vez que quer Richard Strauss quer Claude Debussy foram influências extremamente importantes para o músico húngaro e os nomes que mais imediatamente nos vêm à memória quando escutamos a sua música. Para além destes elementos fascinantes, o vigor da peça impressiona, em particular a desenfreada dança popular com que se inicia o último andamento, prova evidente do amor de Bartók pela música popular, que recolheu e estudou juntamente com Zoltán Kodály, bem como da influência de um outro nome essencial para a música do século XX: Igor Stravinsky, em particular o Stravinsky de *A Sagração da Primavera* (1913), obra-prima que não deixou de impressionar praticamente todos os compositores que a ouviram.

György Kurtág

Lugoj, 1926

Seis momentos musicais, op. 44

Composição 1999-2005 Duração c. 14 min

Os *Seis momentos musicais* de Kurtág fazem referência a um compositor que Kurtág também inclui no seu baú de afetos, e não admira que assim seja: Franz Schubert foi um dos mais intimistas, mais poéticos e mais sonhadores de todos os compositores clássicos. A peça foi estreada em fevereiro de 2006 pelo Quarteto Keller em Bordéus, durante as celebrações do 80.º aniversário do compositor e, tal como outras obras escritas anteriormente para quarteto de cordas, nomeadamente *Officium breve in memoriam Andreae Szervánszky*, op. 28, de 1989, estes *Seis momentos musicais* misturam leveza com melancolia, vida

e morte, homenagens e citações, e alusões não somente a Schubert, mas a Beckett, ao poeta húngaro Endre Ady, a Leoš Janáček, à violonista Tabea Zimmermann, aos pássaros, à sequência latina do *Dies Irae* que invoca o dia do Juízo Final (a música que ocorre na frase “A própria morte se quedará muda”) e, acima de tudo, ao pianista e pedagogo húngaro György Sebők, amigo próximo de Kurtág, que faleceu em 1999. Desde a sua estreia que a obra, juntamente com *Officium breve* (com a qual costuma ser emparelhada) se impôs no repertório contemporâneo para quarteto de cordas como uma das mais originais e poéticas já pensadas para este grupo instrumental, capaz da expansão mais epopeica até ao intimismo mais diáfano. Kurtág, que tanto ama a literatura, não é um romancista, mas um poeta, e um poeta do fragmento, aquele que capta os momentos mais breves, mais fugazes, da vida, aqueles momentos que somente alguém dotado de uma extrema sensibilidade consegue perceber como tão significativos quanto os momentos mais evidentes: a melancolia da queda de uma folha, um olhar breve, mas pleno de significado. Em Schubert, de quem apenas evoca o espírito e não a letra, Kurtág encontra uma alma musical afim.

Betsy Jolas

Paris, 1926

Quarteto para Cordas n.º 8, *Topeng*

Composição 2019 Duração c. 15 min

O Quarteto n.º 8, *Topeng*, de Betsy Jolas, foi inspirado por uma viagem da compositora à ilha de Bali, uma viagem que partilhou com Xenakis e Takemitsu e na qual teve a oportunidade de escutar uma forma de teatro musical tradicional dançado (o “Topeng” do título do quarteto) e acompanhado por uma orquestra de gamelão, um encontro com uma fascinante forma de arte que, tal como já acontecera com inúmeros compositores antes dela (Debussy, Ravel, Messiaen, Britten, entre outros), não deixou de impressionar a compositora que, quase 40 anos após este encontro

o revisitou através do género mais clássico, mais tradicional da música de câmara ocidental, o quarteto de cordas. Encomenda do icónico Quarteto Arditti, que tem encomendado, estreado e gravado centenas de obras ao longo da sua existência desde a fundação em 1974, o quarteto procura não a violência e frenesim da ação teatral original, mas antes uma espécie de recordação nostálgica do mesmo. Na peça original, um único ator encarna vários personagens contrastantes, mudando rapidamente de máscaras enquanto a orquestra de gamelão se associa, “em frenesim” (nas palavras da compositora) ao seu jogo. Jolas revisitara, já em 1973, esse momento numa obra para piano, mas desta vez preferiu evocar “Topeng” de uma forma vaga, como que saída de um sonho, um sonho longínquo de há 40 anos.

Por volta de 2015, quando escreve *A Little Summer Suite*, para orquestra, a compositora revelou-nos algumas chaves da sua música, nomeadamente esta: “Tenho brincado ultimamente, em muitas das minhas obras, com o conceito de *música errante*”. Esta ideia não significa uma música amorfa, fruto apenas de um pensamento errático, mas a liberdade de um *flâneur*, ou seja, a *arte* de deambular, sem pressas, pelo som.

Quarteto Diotima

O Quarteto Diotima foi formado em 1996 por iniciativa de quatro finalistas do Conservatório Nacional Superior de Música e de Dança de Paris. O seu nome encerra uma dupla referência: Diotima como alegoria do Romantismo alemão – *Hyperion*, de Friedrich Hölderlin, que assim batiza a sua musa e amor de uma vida – e como símbolo da música contemporânea, com *Fragmente-Stille, an Diotima* de Luigi Nono.

O Quarteto Diotima trabalhou e trabalha em estreita colaboração com alguns dos maiores mestres da segunda metade do século XX, entre os quais Pierre Boulez e Helmut Lachenmann. Encomendou obras a alguns dos mais brilhantes compositores da nossa época, como Toshio Hosokawa, Miroslav Srnka, Alberto Posadas, Mauro Lanza, Gérard Pesson, Rebecca Saunders, Misato Mochizuki e Tristan Murail. Lança uma nova luz sobre obras-primas românticas e modernas, particularmente de Beethoven, Schubert, da Segunda Escola de Viena (Schönberg, Berg e Webern) ou de Janáček, Debussy, Ravel e Bartók.

Desde 2021, o Quarteto Diotima está sediado na região de Grand Est, em França, cujas fortes ligações culturais com a Alemanha e a Suíça correspondem ao repertório e aos parceiros do quarteto na região do Reno. Esta residência permite ao quarteto desenvolver a sua Academia em colaboração com a Cité Musicale de Metz.

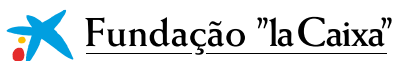
Em função do seu grande interesse pela pedagogia e pela formação de jovens artistas, o Quarteto Diotima foi recentemente nomeado Artista Associado da Academia do Festival d'Aix-en-Provence e orientou *masterclasses* na UCLA, na Universidade de York, no Conservatório Real de Copenhaga, no Conservatório Central de Pequim e na Academia Impuls em Graz.

O Quarteto Diotima agradece o apoio financeiro de DRAC Grand Est, Région Grand Est, Centre National de la Musique, Maison de la Musique Contemporaine, Institut Français, SACEM, SPEDIDAM e ADAMI. É membro da PROFEDIM, da Futurs Composés e da FEVIS e é também parceiro artístico da marca D'Addario.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

Mecenas
Gulbenkian Música



Mecenas
EGO



Mecenas
Piano e Orquestra



Mecenas
Ciclo de Piano



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**

Apoiamos a cultura *para melhorar a sociedade*



Próximos concertos

Serenata para Cordas de Tchaikovsky

24 set
quinta 20:00

Oedipus Rex

01 out quinta 20:00	02 out sexta 19:00
------------------------	-----------------------

Così fan tutte

03 out
sábado 18:00

Concerto para Piano n.º 2 de Prokofiev

08 out quinta 20:00	09 out sexta 19:00
------------------------	-----------------------

Dal:um

10 out
sábado 19:00

Evite tossir.

A tosse perturba os músicos e o público.

Se precisar de tossir, procure abafar o som.

Se persistir, saia discretamente e regresse no final da obra ou do andamento.

Desligue o telemóvel.

O modo silencioso não impede alarmes

e um ecrã aceso é visível em toda a sala.

Não são permitidos registos de som ou imagem.

